

O “PARA-FORMAL” NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI: controvérsias e mediações no espaço público

LAÍS DELLINGHAUSEN PORTELA¹; DÉBORA SOUTO ALLEMAND²; LORENA RESENDE MAIA³; RAFAELA BARROS DE PINHO⁴; EDUARDO ROCHA⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – laiisd@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – deborallemand@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – lorenamiltao@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – rafaelaapinho@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – amigodudu@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este escrito é produto de um projeto de pesquisa que busca dar voz e visibilidade a "para-formalidade" nas cidades da fronteira-sul que fazem a divisa/união entre Brasil e Uruguai (Santana do Livramento - Rivera, Quaraí - Artigas, Jaguarão - Rio Branco, Barra do Quaraí - Bella Unión, Chuí - Chuy e Aceguá - Aceguá), a partir de cartografias urbanas¹ e sociais, utilizando-se de recursos infográficos e sendo divulgado em tempo real por meio de website. Busca-se, nesse projeto, os espaços não regulados, espaços anarquistas, onde se produzem atividades que tendem a subverter as leis da economia tradicional, do urbanismo e das relações humanas, capazes de gerar mudanças importantes, tanto teóricas como práticas, na maneira de pensar e planejar a cidade.

"Para-formal" é uma palavra criada pelo grupo argentino GPA (2010)², é um conceito de fronteira que, ao contrário da oposição entre o formal e o informal – a partir de áreas do conhecimento como o urbanismo e a economia, que categorizam seus estudos e objetos em cidade/economia formal e informal – busca experimentar a fresta ou o interstício entre categorias, que aqui denominamos como "cenas urbanas para-formais". Um modelo de investigação "para-formal" que se apropria de categorias alternativas para explorar o “campo do meio”, a zona cinza, onde se desenvolve a verdadeira máquina da cidade.

Este aspecto informal, longe de ser ocasional, constitui uma regra importante no desenvolvimento de muitas cidades na contemporaneidade - esses são espaços "para-formais"(camelos, ambulantes, artistas de rua, moradores de rua, etc.). Portanto os lugares considerados "para-formais", nesse projeto, são aqueles que se encontram no cruzamento do formal (formado) e do informal (em formação), constituídos por três pontos essenciais: a cidade em formação, o princípio de acordos, regras e projetos; a cidade em desagregação, os processos de acordos urbanos conflitivos, friccionantes ou catastróficos e; as situações

¹ A cartografia urbana é um método que se faz para cada caso, cada grupo, cada tempo e cada lugar. Podemos registrar essa cartografia urbana através de desenhos, fotografias, filmes, cadernos de campo, exercícios artísticos, sons, etc. - quaisquer formas de expressão que possibilitem avançar no exercício do pensar. A cartografia é um modo de ação sobre a realidade, um modo próximo à uma tática, um mapa que propõe o enfrentamento com o real, despojando-se com as mediações a partir de modelos preconcebidos (ROCHA, 2008). ROCHA, Eduardo. *Cartografias Urbanas*. In: Revista Projectare. n. 2. p.162-172. Pelotas: UFPeI, 2008.

² O grupo Gris Público Americano (GPA) é um coletivo independente, formado por um grupo de arquitetos argentinos com sede em Buenos Aires, integrado por Mauricio Corbalán, Paola Salaberrí, Pío Torroja, Adriana Vázquez, Daniel Wepfer e Norberto Nenninger [<https://www.facebook.com/grispublicoamericano.gpa>]. Propõe investigações que tem como ponto central as situações de controvérsias urbanas, polêmicas e/ou complexas. GRIS PUBLICO AMERICANO. *Para-formal: ecologias urbanas*. Buenos Aires: Bismar Ediciones/CCEBA Apuntes, 2010.

urbanas onde existam fortes "indiferenças" estratégicas entre os atores.

Nesse trabalho, o objetivo geral da proposta é compreender e sistematizar as “para-formalidades” encontradas nas cidades da fronteira Brasil-Uruguai, utilizando como metodologia para a coleta e análise de dados: a “cartografia urbana”; com a intenção de dar visualidade aos fenômenos urbanos próprios da contemporaneidade. Como objetivos específicos, pretende-se: 1) analisar as diferentes propostas de aproximação com a cidade e suas “para-formalidades” e estabelecer variáveis que permitam ilustrar de maneira clara o espaço e o tempo como sentido básico de orientações, através de elementos de leitura de planos e cartografias; 2) Confeccionar plataformas interativas (infográficas e website) que suportem as variáveis e mapas produzidos pelas errâncias urbanas³ realizadas nas cidades fronteiriças; 3) Perceber a caminhabilidade pelos espaços públicos como um dos aspectos fundamentais para a sustentabilidade urbana – trajetos, propomos a experiência corporal na cidade a partir de eventos que estimulem a errância urbana – derivas⁴; 4) Conhecer por meio da relação direta com as “para-formalidades” na fronteira, seu potencial cultural e pedagógico, entendendo mesmo que a cidade como poder ser: ensina; além de promover a integração entre centros de pesquisa que estudem a cidade e a contemporaneidade; 5) Publicar um livro sobre o processo metodológico de pesquisa do “Para-formal na fronteira Brasil-Uruguai”.

2. METODOLOGIA

Delimitou-se como metodologia dessa pesquisa o caminhar errante, sem rumo, sem um ponto de partida e de chegada fixos no centro das cidades. Perambula perdido por dentro um território urbano conhecido e ignorado ao mesmo tempo. Ao se deslocar, esse corpo (usuário, turista, planejador, etc.) cria mapas, deixa marcas e rastros – cartografias urbanas – que podem nos auxiliar a compor um novo universo sobre a cidade na contemporaneidade (DELEUZE, 1995; JEUDY, 2005; JACQUES, 2006). Os procedimentos metodológicos – qualitativos – que traçados para esta pesquisa se desenvolvem em três planos: teórico, prático e projetual, assim como o processo está previsto para acontecer também em três níveis: introdução, desenvolvimento e conclusão, as quais correspondem aos objetivos específicos do projeto.

Outro aspecto importante da metodologia está na relação dos atores que participam do exercício, pois em cada fase do processo entram no jogo três atores (pesquisadores – professores e/ou bolsistas – colaboradores e participantes) que

³ As errâncias urbanas são experiências de apreensão e investigação do espaço urbano pelos errantes (JACQUES, 2012, p. 22). São a própria visibilidade requerida pela metodologia cartográfica da cidade para-formal. Para a experiência errática, a representação visual não é tão importante e o que vale mais são as vivências e ações.

⁴ A Teoria da Deriva tem como um de seus principais representantes o pensador situacionista Guy Deboard. A Deriva é um estudo psicogeográfico, que tem por princípio emocionais das pessoas. Partindo de um lugar qualquer, e comum, à pessoa ou grupo que se lança à deriva deve rumar deixando que o meio urbano crie seus próprios caminhos. É sempre interessante construir um mapa do percurso traçado, esse mapa deve acompanhar anotações que irão indicar quais as motivações que construiu determinado traçado. É pensar, por que motivo dobramos à direita e não seguimos retos, por que paramos em tal praça e não em outra, quais as condições que nos levaram a descansar na margem esquerda e não na direita. Enfim, pensar que determinadas zonas psíquicas nos conduzem e nos trazem sentimentos agradáveis um fim único, transformar o urbanismo, a arquitetura e a cidade. Construir um espaço onde todos serão agentes construtores e a cidade será um total. In: JACQUES, Paola Berenstein [org.]. Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade/internacional situacionista. Salvador: EDUFBA, 2006.

desempenham funções específicas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O espaço público das cidades na contemporaneidade não está definido e limitado pelos planos urbanísticos. Em muitas ocasiões são os habitantes da cidade que decidem que espaço vai ser público e qual não vai ser; que espaço cumprirá uma função ou outra. E esses espaços não regulados, espaços anarquistas, onde se produzem atividades que tendem a subverter as leis da economia tradicional, do urbanismo e das relações humanas gerando mudanças importantes, tanto teóricas como práticas, na maneira de pensar e planejar a cidade. Este aspecto informal, longe de ser ocasional, mas sim efêmero, constitui uma regra importante no desenvolvimento de muitas cidades – esses são espaços “para-formais” (GRIS, 2010). Existem países onde aproximadamente 50% da economia é informal e esta gera espaços também informais que, na necessidade urgente, apresentam uma arquitetura e um urbanismo circunstancial em espaços de ecologia descontínua, sem registros, provisória. Estas encruzilhadas humanas onde a atividade e seu entorno geram espaços intermitentes e muitas vezes fugazes nas cidades contemporâneas, são as que se pretende dar visualidade nessa proposta de pesquisa. A região de fronteira⁵ entre Brasil (região sul do Rio Grande do Sul) e Uruguai vem sofrendo diretamente com esses movimentos e fluxos próprios da contemporaneidade. Observa-se que as problemáticas são nítidas na fronteira embora os problemas emergentes não sejam propriamente regionais.

Emerge daí o primeiro bloco de problemáticas a ser enfrentado: Que coisas unem e separam essa cidade formal da cidade informal nas cidades da fronteira Brasil-Uruguai? Como se produz a integração de coletivos heterogêneos num mesmo ambiente com seus limites? Que implicações éticas e técnicas têm estas ecologias que denominamos aqui de “para-formais”? Como metodologizar a cartografia urbana para os casos de registro dessas ecologias “para-formais”?

Um segundo bloco de questionamentos diz respeito aos paradigmas computacionais que possam suportar tais dados e que permitam a interação/participação no processo de levantamento de campo desses conflitos espaciais existentes no centro das cidades da fronteira Brasil - Uruguai e de suas posteriores análises. Que recursos tecnológicos poderão ser desenvolvidos e utilizados para a cartografar a “para-formalidade” nas áreas centrais das cidades? Como programar essas ferramentas infográficas?

Como resultados serão produzidos mapas urbanos, ações no espaço público, entrevistas com as partes envolvidas e reuniões de mediação com as partes envolvidas nas controvérsias do espaço público de cada cidade/fronteira. As principais contribuições esperadas são: os avanços na área de cadastro e mapeamento de configurações complexas; a produção local de metodologia e tecnologia; a produção de conhecimento sobre ecologias urbanas “para-formais” e; a produção de conhecimento sobre metodologia de cartografia urbana e social.

⁵ Enquanto o limite é a linha que separa o território de dois Estados, a fronteira é a região ao redor do limite (MELLO, 1986, p. 721). Em sua acepção original, a fronteira (etim. lat. frons, frontis: o que está na frente) era simplesmente no mans land, área instável de transição entre dois poderes políticos, mas sem a presença do poder. Somente no século XVI, com os avanços da cartografia e o surgimento do Estado burguês, desenvolveu-se a teoria jurídica do território, para atender às novas necessidades de organização do espaço econômico.

4. CONCLUSÕES

Como produto dos estudos que serão realizados, busca-se as seguintes inovações: a) Avanços na área de cadastro e mapeamento de configurações complexas em regiões fronteiriças: com os resultados obtidos nessa pesquisa será possível aproximar e levar em consideração nas pesquisas tradicionais do campo do planejamento urbano e regional, dados que até então não eram computados, como: as ocasionalidades, os usos informais, as culturas e sociedades menores, entre outros; b) Produção local de metodologia e tecnologia: será sistematizada durante o processo de pesquisa uma ação metodológica “nova”, que aliada a outras que já fazem parte do repertório dos estudos das teorias do urbanismo possibilitará sua reprodução por órgãos públicos e outros centros de pesquisa, além de conjuntamente desenvolver “novos” recursos infográficos para a mesma; c) Produção de conhecimento sobre ecologias urbanas “para-formais”: a partir da relação da pesquisa com outros centros de pesquisa, a investigação trará avanços para o campo das ecologias urbanas que se ocupam das problemáticas da superurbanização e do ambiente em geral (DAVIS, 2006) e; d) Produção de conhecimento sobre metodologia de cartografia urbana: sistematização de metodologia emergente na contemporaneidade, dando visibilidade a sensibilidades que afloram nas cidades da fronteira Brasil-Uruguai, a partir de interdisciplinaridades.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia (Vol. 1). São Paulo: Ed. 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles. Francis Bacon: lógica das sensações. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- DELEUZE, Gilles. Lógica do sentido. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- GRIS PÚBLICO AMERICANO. Para-formal: ecologias urbanas. Buenos Aires: Bismar Ediciones; CCEBA Apuntes, 2010.
- JACQUES, Paola Berenstein [org.]. Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade/internacional situacionista. Salvador: EDUFBA, 2006.
- JACQUES, Paola Berenstein & JEUDY, Henri Pierre. Corpos e Cenários Urbanos: territórios urbanos e políticas culturais. Salvador: EDUFBA, 2006.
- JOSEPH, Isaac. El Transeunte y el espacio urbano: sobre la dispersión y el espacio urbano. Buenos Aires: Gedisa Editorial, 1988.
- MELLO, Celso D. de Albuquerque. Curso de Direito Internacional Público. 8a ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2 v., 1986.
- PAESE, Celma. Caminhando: o caminhar e a cidade. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2006. [dissertação de mestrado].
- PUCCI, Adriano Silva. O Estatuto da Fronteira Brasil-Uruguai. Brasília: FUNAG, 2010.
- ROCHA, Eduardo. Arquiteturas do Abandono: ou uma cartografia nas fronteiras da arquitetura, da filosofia e da arte. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2010. [tese de doutorado].
- ROCHA, Eduardo. Cartografias Urbanas. Revista Projectare, n. 2, p. 162- 172. Pelotas: UFPel, 2008.